

MULHER – MÃE

1.

O tempo para ti não era nada.
Há quanto tempo o tempo te roía...
Tratava-lo por tu,
Seguia-lo na estrada.
Era teu companheiro de viagem
Na viagem do tempo,
Que o tempo em ti corria,
Como se a vida do tempo fosse o tempo de vida
Ou sopro duma aragem,
Ou devir em carruagem, no percurso duma via.

Qual tempo, qual destempo,
Qual prazo, qual atraso ?
Tudo corria no tempo sem destempo,
Segundo a lei natural das coisas,
Ao querer, ao poder e ao acaso.

Não tinha calças para ir à escola,
Não tinha livro, nem lousa, nem sacola;
Mas tu tinhas o tempo necessário
Para procurar, sem rumo, sem horário,
Mas no tempo certo,
A moeda perdida na areia do deserto,
E, com ela, inventar quanto faltava,
Num milagre que ninguém adivinhava.
E lá me fui p'ra a escola um mês depois.

Olhavas-me deitado no soalho,
A fazer os deveres, a ler os livros.
E do encanto opaco dos teus olhos
Saía uma mensagem de ternura.
Não era a aprovação do meu trabalho,
Era bem mais simples e mais pura:
Era o teu receio que eu sofresse
No corpo descansado em tábua dura.

2.

O tempo correu, como é do tempo.
Tanto mês, tanto dia, quatro anos,
Para ti talvez uma semana,
E lá me fui às provas dos exames.
Sofreste, bem segura e sem temor.
Mas tiveste vergonha e contenção
Quando os grandes à escola te chamaram
Para seres, por mim, gloriada,
Numa festa que nunca imaginaste.
Pediste mil desculpas por ali estares,
Porque teus filhos,
Não tinham pés para os altares.
Não eras mãe – coruja !
Sentias, bem no fundo,
A velocidade a que girava o mundo,
Não divulgando sentires do coração;
Mas, agarrando os filhos pela mão,
Deste-lhes conduta,
Ministraste-lhes o pão
E atiraste-os ao tempo, sua condição.

3.

Estavas no tempo certo, o teu, o do deserto.
E já não tinhas tempo para alterar o tempo.
Eu não queria o deserto ! Eu queria um oásis
Que fintasse o deserto
E o eliminasse com água até ao mais fundo.
Eu queria dar a volta ao ser e estar do mundo.
Por isso me envolvi em poesia.

Fiz greve, perdi bolsas,
E tu não aprovavas. Mas nunca mo disseste !
Esse teu silêncio é das mais gratas recordações que me deixaste.
Obrigado por ele !
Eu estava no tempo, no meu tempo, e tu reconheceste.
Como tinhas uma funda ideia de liberdade !!!
Fizeste-me livre, com carta de alforria.
Desenhei meu trajecto,
Escolhi minha esquadria:
O meu tempo com teu tempo convivia.

4.

Veio, depois, a revolução: o tempo contra o tempo.
Eu estive lá: lembrei-me do teu tempo e do meu tempo.
Não me darias nunca autorização
Para pegar em armas, fazer rebelião,
Alterar o regime, renovar a nação,
E abrir as portas a novo viver.
Nem o teu amor à liberdade
Permitia tal veleidade.
Mas eu peguei em armas, por mim e por ti,
Na junção dos tempos.
Silenciaste o comentário.
Tua vaidade, silente e maternal,
Senti-a eu, prudente e calma,
Nos olhos que me abrias,
Para ler o sentir da tua alma.

Não havia o tempo,
O tempo que tiveste.
Olhaste no meu tempo
E nele enterneceste.
Soou em ti a primavera
O desenho encantado das mimosas
E o cheiro, a cor e as pétalas das rosas.